

*Ficção de A. A. S.*

# O CREPUSCULO

102  
1887-1918

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO  
ORGÃO LITTERARIO

Anno I

Publicação semanal

Num. 6

Assignat. por mez 500 rs.

Desterro—Segunda-feira 30 de Maio de 1887

Pagamento adiantado

## AVISO

Pelo motivo de havermos augmentado o formato de nossa folha, deixámos de publicar a segunda-feira, 23 do corrente.

O augmento d'ella, não foi mais do que, um passo progressivo que dêmos na honrosa arena jornalística.

Outrosim, visto a termos augmentado, resolvemos tambem augmentar o preço de sua assignatura, que ficára sendo desde já, 500 reis mensaes.

## Idéas livres

Queremos cada vez que caminhemos— o progresso das classes e a igualdade popular.

Sendo o nosso caro Brazil tão popularisado como é, não devia ainda possuir o negro pavilhão do horror— a escravidão.

Precisamos vôr!

E como assim havemos de fazer, se vemos cada vez nossos olhos obscurecidos pela treva da escravidão?

Não quereis porventura, homens que nos governam, fazer como Lycurgo fez:—leis que queiram a igualdade das classes?

Nós, apesar de sermos pequenos ainda, e principiantes, não temos idéas ignobis e parvas, de quereremos o bem para um e o mal para outrem.

Oh! Brazil, oh! nossa patria querida! quereis porventura ainda andares neste seculo progressivo e illustrado, immerso no obscurantismo da negra escravidão?!

Neste seculo, aonde vemos o

sabio lutar, lutar, para vêr penetrar em todos, a illustração, filha da honra e herdeira do porvir?!

Neste seculo, aonde vemos o artista, com todas as suas organicas forças naturaes, pintar-nos n'um quadro ornamentado com as mais singelas perfeições do trabalho, o caminho do Bem, o caminho da eminencia — o progresso?!

Neste seculo, aonde vemos, finalmente, as classes erguerem o pavilhão do adiantamento no alto de uma columna, que nos diz: Segui, povo, a arena do porvir?!

Todos os povos, cujo pensamento sensual é grande e nobre, prosperam, caminham e avançam vantajosamente a estrada popular, a estrada que amamos de todo coração e alma!—a liberdade!

Oh! Liberdade, dai-nos forças, a nós, que vivemos em teu fulgurante clarão, para podermos nelle submergir aquelles que miseravelmente vivem no abysmo profundo da horrenda prisão:—os escravos.

Como havemos vôr?

Precisamos seguir avante a senda universal da liberdade. Já é tempo de fazermos das forças um punhal e do nosso poder a lei da liberdade.

Mas si continuarmos a dormir, a dormir como dorme um morto, que não tem satisfação a dar a alguem, vamos mal, vamos mal e pessimamente mal.

Quem será que nos acordará deste somno tão immenso, deste somno já sem vida?

Quando havemos de nos glorificar, sabendo que o Imperio do Brazil já não tem mais escravos?

quando havemos de ter esta gloria, gloria universal, gloria popular?!

— E' voarmos, é cumprirmos a missão de verdadeiros cidadãos honrados, de verdadeiros brasileiros, filhos da luz e herdeiros do Progresso! .

*(Continúa.)*

## A minha infancia

( NO TUBAEÃO )

A infancia é a aurora da vida.

(Do A.)

A época mais atractiva da vida humana, é sem duvida a da adolescencia. Nesta idade primorosa não apparece contrariedade: tudo nos sorri: tudo é alegria.

Assim, a recordação de minha infancia, vem despertar-me do intimo d'alma um echo angelico e santo.

Esta lembrança divina, sempre folgassan, sempre encantadora, deita-se e se alavanta commigo. Ah! Como acho-me alegre, em pensar no tempo d'outrora, n'aquelle tempo sublime que ao romper da aurora eu ia banhar-me nas aguas crystallinas do Tubarão! E, quando, juntamente com alguns meninos, eu subia uma collina magestosa, donde se vê perfeitamente o astro diurno nascer, e procurava uma arvore fructifera, em cujos ramos, que pendiam indolentes para o solo, coberto todo de movediças folhas, que a brisa deita em sua vertiginosa carreira, pendurava a gaiola onde preso cantava um bom e innocente gatoramo!



Oh! que prazer eu encontrava alli, respirando o liberto ar da madrugada l...

Depois chegavam as horas do almoço. Meu irmão, um mariola como eu, em mandado de meu pai, corria a bom correr a minha busca. Eu então encommoada, murmurava: « q' diabo!... agora que a gente estava brincando!... »

Acabado o almoço, atravessava no hombro um carta-passo, e com uma multidão de condiscipulos, que, como eu, estavam na aurora da vida, seguia um caminho margeado de laranjeiras, que com seu fructo gostoso, balçoava-se soberbamente, e dirigia-me para a escola, que era regida, por uma joven angelica e pura como a mimosa flor no deserto. Chamava-se ella Lucinda. Era filha de um aucião honrado, e amava um mancebo distincto e rico, com o qual casara-se, já ha alguns annos. A sorte porém não lhe foi propicia, porque em breve seu esposo querido enloquecera e foi obrigado a ir para o Rio de Janeiro. Quanto ao viver actual de minha sempre estimada professora, creio, deverá ser contristador! Entretanto com o tempo talvez a felicidade lhe torne, o que muito estimarei.

Hoje ella, curvada ao peso da desgraça, talvez já se não lembre d'aquelle tempo (para mim de tanta recordação!) que nos ensinava as primeiras letras.

Mas eu, que conto aquella época, como a mais deslumbraute de minha existencia, não poderei jámais esquecer-a, e, por tanto folgo, quando á lembrança me vem—o tempo de minha infancia!...

P. GOUDEL.

Maio—1887.

### Idéa honrada

Sabemos perfeitamente que nem todos têm aima bôa e coração santo.

Porém tiramos deste todo uma grandiosa quantidade de pessoas, que pertencem á Sociedade Caritavellesca *Diabo a Quatro*, que

concorreram com seus votos, a fim de que se realice um eminente pensamento, que ignoramos de quem o será.

Este pensamento não é mais do que: sahirem estas pessoas no dia 24 de Junho proximo, a esmolarem para a emancipação dos escravos.

Oh! que idéa applaudida!

Quem será este homem, quem será que teve uma idéa tão rutilante, uma idéa tão casta?

Precisamos, oh! povo, concorrer para effectuar-se a idéa desejada. E' preciso que olhemos para aquelles miseraveis, que tão abysmicamente vivem horroresados pelos golpes fataes e crueldades—prisão, do captivo.

Sós viventes; portanto, forçosamente, precisas habitar a orbita scintilante da grande—Liberdade!

Si todos os brazileiros tivessem idéas como a de que fallamos, talvez que o Brazil não estivesse pairado, immerso no abysmo. Já teria, sem duvida, seguido progressivamente e igualado com as outras nações, cuja categoria é alta e cordial.

E' pois, mais uma fama de notabilisação que adquire a distincta sociedade *Diabo a Quatro*, dada com toda consciencia.

E', pois, mais um degrão de honra que sóbe esta sociedade, composta d'uma corporação cujo caracter é limpo.

Já que não vemos em todo o Brazil bradar-se o grito da Liberdade, brademos nós no Desterro. Damos mais este passo honrado, perante o sensualismo primordial dos heróes.

Portanto, esperamos que o nosso amado povo concorra com seus soccorros, para o bem da nossa provincia.

A' muito nobre directoria da sociedade *Diabo a Quatro*, damos com todo o prazer e satisfação, nossas humilde felicitações, desejando-lhe uma longa duração.

S. COSTA

### Noites no mar

A' SABBAS COSTA

Como são tristes e melancolicas as noites passadas no mar?!  
Quantas recordações nos tras o marulhar confuso das ondas e sibilar do vento nas cordas do fragil batel, que nos conduz?

São tão tristes essas horas passadas no meio do Oceano como tristes são os ultimos momentos de uma carinhosa mãe que parte desta vida deixando para sempre ao desamparo seus idolatrados filhos!

.....  
Eram 4 horas da tarde do dia 20 de Abril de 1879 quando levantamos as anchoras que prendiam nosso batel ao porto querido. A b isa da tarde suspirava meiga e doce.

Na costa milhares de passarinhos multicores alegres cantavam elevando seus hymnos ao Creador do Universo.

.....  
Nada podia distrahir-me; nem o canto festivo dos passarinhos o bando de loiras creancinhas que corriam na praia, tal era a melancholia que se apossára do mino ao deixar o porto onde ficára a mulher que mais amára.

O canto mavioso dos passarinhos, bando de loiras creancinhas mais recordações trasiam-me das tardes bellas e fagueiras que passara ao lado de Catú!

Embebido ainda estava contemplando o porto querido, quando fez-se, ouvir a voz rude do patrão; —*Larga*—!

Uma nuvem obscureceu-me a vista... minhas pernas fraquearam e cahi sobre o tombadilho. Quando ergui-me era alta noite.

Com o coração apresso pela saudade, subi novamente ao tombadilho e apesar da escuridão da noite procurei ver o porto que tinha deixado, mas baldado intento porque apenas via o marulhar confuso das ondas que viuham uma apoz outras quebrar-se no costado do fragil batel!

— Abi pude ver quão tristes são as noites passadas no mar!!...  
.....

Com o coração apresso pela saudade, subi novamente ao tombadilho e apesar da escuridão da noite procurei ver o porto que tinha deixado, mas baldado intento porque apenas via o marulhar confuso das ondas que viuham uma apoz outras quebrar-se no costado do fragil batel!

— Abi pude ver quão tristes são as noites passadas no mar!!...  
.....

NESTORE SIRPE.

(Ernesto Pires)



**A tua musa**

A' JULIO N. DE MOURA

Eu a conheço!

Costumo as vezes, quando o sol com seus vehementes raios vai-se occultando, nos doirando a frente, como a luz doira o abismo, dar meus passeios por *Id*. Então a vejo, porém, com a face carminizada e o coração franzino, debruçada na janella, soltar umas *fallas*, oscilantes, como um canto harmonico de vivas notas *symbolicas*.

Nesta occasião em que eu a via assim, a tarde achava-se envolta nas cousas *cerulas* e pensava eu que por a casa estava nos céos.

Minha alma, presenteira, era cheia de encantos d'amor!

O céu, parecia-me como o tecto de um illuminado paraizo, onde os anjos iam cantando alados, numa canção infinita.

Oh! tarde, como éras doce!

E me achava eu na rua do\*\*\* quando a fitei. Lembrei-me porém de ti, meu Julio, oh! momento feticeiro.

Lembrei-me, sim de ti que tens um amor: que para ella, é um thesouro e para ti, uma riqueza!

Crê, é certo, ella muito phantasiou-me a alma, o coração, a creença, que en via pela estrada do meu lar, pelo caminho da virtude, genuina e santa!

E não sei, não sei como o céu era rutilante, no momento em que eu a meditava. Ella parecia-me a doce luz do luar, quando resplandece mudamente pela a terra flux e eu era como um prazer orvalhado de auroras!

A tua musa, eu admiro; porque elle tem nos labios mimosos, uns labios poeticos, uns olhos que são como uns janbos maduros.

Gosto muito, muito de ver-te quando aos domingos com teu *fraque*, para rua do \*\*\* vais, afim de que possas vel-a fulgurante, radiante e amorosa!

Ao chegares porém *Id*; te pões a fital-a bem, com teu coração risonho, sorrindo para ella, que casta te encarando sorr itambem.

Ela como eu vejo fluctuar o

amor por entre risos e cantos, isto é; ella é o riso e tu o canto!

E' pois a tua musa, a quem tanto adoras, a quem tanto estimas, umas das mais perfumosas flores que possui o bello-sexo desterrense! Continúa, continúa

a fital-a, que outro amor como ella, será difficil encontrares.

Continúa, porque o primeiro amor é o mais santo que ha em toda mocidade!

S. C.

**Parasitas**

No meio d'uma feira, uns poucos de palhaços  
Audavam a mostrar em cima d'um jumento  
Um aborto infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços,  
Aborto que lhes dava um grande rendimento.

Os magros histriões, hypocritas, devassos,  
Exploravam assim a flôr do sentimento,  
E o monstro arregalava os grandes olhos baços,  
Uns olhos sem calor e sem intendimento.

E toda a gente deu esmola aos taes ciganos:  
Deram esmola até mendigos quasi nus.  
E eu, ao ver este quadro, apostolos romanos,

Eu lembrei-me de vós, funambulos da Cruz,  
Que andaes pelo universo ha mil e tantos annos  
Exhibindo, explorando o corpo de Jesus.

GUERRA JUNQUEIRO

**A Caridade**

AS FAMILIAS PORTUGUEZAS

Almas de santas, coraçãoes de auroras,  
è tempo, è tempo, virginaes senhoras,  
de erguer os pobres deste mar de chôros:  
com vossas mãos rosadas e pequenas,  
ligeiras como as azas das phalenas,  
abri, sorrindo, os triumphaes thesouros!

E n'uma olympica explosão de côres,  
distribui esmolas como flôres  
sobre a miseria que vos pede aqui,  
livrando os aijos e essas pobres virgens;  
do negro crime e das crueis vertigens  
abri, senhoras, vossas mãos abri!

São as creanças que de fome choram  
as mãos afflictas clamando inploram  
junto dos berços procurando Deus:  
é a miseria que vos pede pão,  
são desgraçados estendendo a mão  
pedindo esmolas para os filhos seus!

Vamos, senhoras, com a mão sem luva,  
levar esmolas á infeliz viuva  
que vos espera com a mão erguida;



Ser—caridosas inda e mais que ricas!  
Oh! Caridade como bella fica,  
dando a teus filhos mais amôr mais: vida!

Desterro 1885

TIMOTEO MAIA

---

### Dolce far niente

Como uma nuvem flacida de outono  
Doidejante no pélago do ar,  
Ella... se afunda em perfumado somno  
Na rêde froixa... cheia de luar!...

Sonha talvez... no seio semiaberto  
Evola-se um aroma de violeta...  
Os pyrilampoa relampejam perto...  
E dorme sobre a espadua a trança preta!

Como um circ'lo de beijos, anciosa  
Volteia a brisa tremula, demente  
Em torno áquella rêde voluptuosa ..

A moça, como um céu, deslumbra a gente!  
— E da boca ideal e graciosa  
Sonhando... foge:— *Dolce far niente!*...

Desterro, 10—1—85

CARLOS DE FARIA

(Evolucionismo)

---

### Logogrifhos (por letras)

A' RACINE GUARINE

Don-lhe aqui uma ave 1, 5, 9, 10.  
Que em criança morreu, 3, 2, 8, 7.  
Com'n deste vegetal? não, 4, 7, 6, 7, 3, 9, 2.  
Que é mentira sei eu, 1, 7, 9, 5.

CONCEITO

E' rapido como relampago.  
Não ha quem não tenham  
Mais rapido que o raio  
Os bonitos que me venhão.

O seu logogrifho do n.º 5 é "relampago."

GARCIA NETTO

A' GARCIA NETTO

« Portugal! Portugal! Oh! Patria minha! » 3, 8, 5, 7, 11.  
E' por toda á donzella apressiada,— 9, 11, 10, 11,  
Dos grandes heróes és o paiz,— 1, 3, 8, 4, 5, 6.  
Que pe la secca foi martyrisado—4, 8, 2, 3, 2.

CONCEITO

Este jovem, meu amigo, é charadista,  
E espero que o senhor lhe quebre a christa

RODOLPHO GOUDEL.

Desterro, 10—5—87

*As settas d'amor não matam,  
Só ferem o coração...*

(Mote do meu illustrado amigo  
Sr. capitão de mar e guerra Araujo Pitada.)

GLOSA

Offerecida ao mesmo Sr.

Todos que de amores tratam  
Sustentam com energia  
Que em acções de sympathia  
*As settas d'amor não matam;*  
Elles nunca se retractam  
De tão firmada opinião,  
E, qual simples concessão,  
Accrescentam, por demais,  
Que, não sendo ellas mortaes,  
*Só ferem o coração...*

B. V.

---

### NOTICIARIO

Damos hoje a publicidade, a eminente e mui apreciada poesia, (soneto) do illustrado poeta universal Guerra Junqueiro.

Falleceu, no dia 24 do corrente a Sra. D. Adelaide Barbara Fernandes, mãe dos nossos amigos e assignantes Dorval Fernandes e Juvenal Fernandes, a quem enviamos nossos pezaumes.

E no dia 25, o Sr. Arão Ramos, moço que fôra outr'ora pertencente a classe caixeiral, cujo nome e talento, já por nós conhecido e nobre,

Segundo consta-nos chegará brevemente, a esta capital a companhia gymnastica dirigida pelo Sr. Peri.

No proximo numero, daremos a publicidade, á enorme poesia — Duas Epochas — original do grande poeta scientifico Macedo Papança.

---

Typ. de J. J. Lopes, rua da Trindade n.2